

Angel para o Shabat

Imigrantes, estranhos e nós: Reflexões da Parashá Mishpatim, 5777.

Pelo Rabino Marc D. Angel

“Não aflijam nem oprimam o estrangeiro, porque vocês eram estrangeiros na terra do Egito”. (Êxodo 22:20)

“Não oprimirás o estrangeiro, pois conheceis a alma do estrangeiro, pois estrangeiros fores na terra do Egito”. (Êxodo 23:9)

“Quando um estrangeiro morar com você na terra, não o afligirás. Como um dos teus, o estrangeiro que vive no meio de ti, será para você, e você o amará como a ti mesmo, pois você foi estrangeiro na terra do Egito, eu sou o Senhor seu D-s”. (Levítico 19:33-34)

Estes e outros versículos da Torá ressaltam nossa responsabilidade de não apenas ser simpáticos, mas também de nos identificar com aqueles que são “estrangeiros”. O Talmude (Bava Metsia 59b) postula que oprimir um estrangeiro viola 36 - e alguns dizem que 46 – proibições da Torá.

A Torá obviamente nos ensina a sermos compassivos e caridosos. Mas, ao delinear a obrigação de cuidar do estrangeiro, usa uma linguagem surpreendente. A Torá poderia ter dito: tenha misericórdia dos oprimidos, porque vocês foram oprimidos no Egito, ou tenham compaixão dos escravos porque vocês foram escravos no Egito. Mas não diz isto. Em vez disso, invoca a nossa experiência no Egito como um ímpeto para nos identificarmos e ajudar o estrangeiro.

Quem é estrangeiro? Nos tempos bíblicos, era um não-israelita que vivia entre os israelitas (no pensamento rabínico posterior, o estrangeiro foi identificado como prosélito). Em nossos dias, ele se aplica a uma pessoa de nacionalidade diferente - um imigrante.

Qual é a natureza de ser um estrangeiro? O estrangeiro é um “*estranho*”, alguém que não é parente ou do nosso clã, alguém de outra cultura ou religião, alguém que não é “*um de nós*”. Naturalmente, podemos sentir a responsabilidade pelo nosso próprio grupo: mas por que devemos nos preocupar com estranhos?

A Torá, notavelmente, nos ordena amar o estrangeiro como a nós mesmos. A Torá justifica este mandamento: “*pois conheceis a alma do estrangeiro*”. Por causa de nossa experiência inicial como estrangeiros no Egito, sabemos de primeira mão o que significa ser considerado um estrangeiro. Não só sofremos abusos físicos como escravos no Egito, mas sofremos abuso psicológico. Éramos considerados como seres infra-humanos. Éramos considerados indignos dos direitos humanos básicos. Sabemos profundamente em nossa própria alma o que é ser estrangeiro. Nós somos excepcionalmente qualificados para entender “*a alma do estrangeiro*”.

Esta lição da antiguidade tem tido um significado contínuo para os judeus ao longo de nossa história. Durante a era moderna, houve mudanças demográficas dramáticas no mundo. A maioria dos judeus hoje vive em países diferentes daqueles em que viviam nossos ancestrais de 150 anos atrás. De fato, uma enorme porcentagem de judeus são eles próprios imigrantes, filhos ou netos de imigrantes. Conhecemos a “*alma do estrangeiro*” porque nossas famílias foram estrangeiras. Elas migraram para novas terras para escapar da perseguição ou para encontrar uma vida melhor para si e seus filhos. Fizeram aliá a Israel em cumprimento dos sonhos sionistas. Eles tiveram que aprender novas línguas, adaptar-se a novas culturas. Nossos antepassados imigrantes muitas vezes vieram para terras novas com pouco dinheiro..., mas com grande esperança. Eles tiveram que enfrentar dificuldades físicas. E eles tiveram que lidar com os sofrimentos psicológicos.

Porque fomos imigrantes, "*conhecemos a alma*" dos imigrantes. Temos uma compreensão inerente dos desafios que enfrentam. Reconhecemos a importância de ajudá-los a adaptar-se às suas novas terras e permitir-lhes superar o estigma psicológico de serem estranhos.

Se a Torá precisava emitir 36 mandamentos sobre cuidar os estrangeiros, isso significa que temos uma forte tendência de não nos preocupar com eles. De fato, há muitas vozes na sociedade contemporânea que adotam uma visão obscura para receber imigrantes. Afinal, esses "*forasteiros*" podem ser criminosos ou terroristas. Eles vão nos custar muito dinheiro ao fornecer serviços sociais, educacionais e de saúde. Eles podem tirar empregos de cidadãos nativos. Eles podem mudar a natureza de nossa sociedade se eles vêm em números excessivamente grandes.

O Talmud (Sinédrio 109a) sugere que a perversa cidade de Sodoma foi caracterizada por uma política que excluía os imigrantes. Os sodomitas raciocinavam: por que deveríamos compartilhar nossas bênçãos com os estranhos? Por que devemos fazer sacrifícios pelos estrangeiros? Foi essa atitude que resultou no castigo de Sodoma por sua iniquidade.

Como regra geral, as pessoas não se tornam imigrantes a menos que haja razões convincentes para que eles deixem suas próprias terras. Eles estão fugindo de guerras, violência ou terrorismo. Eles estão fugindo de governos opressivos. Eles estão escapando da pobreza desesperada. Eles procuram uma vida melhor para si e para suas famílias. Nossa resposta instintiva deve ser dar uma mãozinha. Nós "*conhecemos a alma dos estrangeiros*" porque nós e nossos antepassados fomos estrangeiros.

No entanto, somos informados de que nem todos os imigrantes que procuram refúgio em nosso país são inocentes refugiados. Pode haver terroristas ou criminosos entre eles, aqueles que nós desejam fazer mal. Embora estas reivindicações não possam ser sumariamente despedidas, também não devem criar um medo exagerado que põe em perigo a vasta maioria dos imigrantes que legitimamente necessitam da nossa ajuda. O governo deve ter um sistema humano e compassivo de veto, que possa detectar os indivíduos problemáticos que desejam entrar no país com más intenções.

O Rabi Yitzhak Shemuel Reggio, um comentarista italiano da Torá do século XIX, comentou o versículo em Levítico (19:18), ordenando-nos amar o próximo como a nós mesmos. Ele assinalou que o versículo deveria ser entendido como dizendo: ama o teu próximo, porque o teu próximo é como tu. Teu vizinho também é criado à imagem de D-s.

O mesmo comentário se aplica ao mandamento de amar o estrangeiro como a nós mesmos. Todos os seres humanos têm um parentesco único. Em vez de ver os outros como "*estranhos*", precisamos vê-los como compartilhando uma humanidade universal baseada em que todos nós fomos criados pelo Todo-Poderoso.

A Torá sabe que é difícil alcançar esse alto nível de compreensão. É por isso que ele ressaltou a obrigação de cuidar do estrangeiro 36 vezes. Mas também sabe que somos capazes de alcançar este nível de compreensão. E quando o fazemos, não somente cumprimos os mandamentos de D-s, nós cumprimos a nossa própria humanidade.

Shabat Shalom.